

Itamaraty rebate as “picuinhas” de FHC

Carlos Conde

Diplomatas brasileiros estão revoltados com o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, que apontou a existência de “picuinhas” na relação do Brasil com os Estados Unidos.

Representantes das principais correntes do Itamaraty manifestaram seu desagrado ao **Correio Braziliense**. Evidentemente em *off*, porque ninguém quer colocar a cabeça de fora e ser “degolado”.

Um dos diplomatas lamentou: “É triste que um presidente que já foi ministro das Relações Exteriores imagine que uma Casa tão profissional como o Itamaraty baseie em picuinhas nossa relação com o país mais importante do mundo”.

O presidente FHC havia declarado que pretende colocar um fim nas “picuinhas”: “Vai ter conflitos modernos (no diálogo com Washington).

Mudou realmente. No passado, nós tivemos muitas “picuinhas”.

Os diplomatas entendem que o alvo da crítica presidencial é o Itamaraty, principal formulador e executor da política externa.

E, nessa condição, maior artífice da relação com os Estados Unidos.

Alguns diplomatas acreditam que a crítica de FHC dirige-se, principalmente, à atuação diplomática do governo Ernesto Geisel, quando o Brasil viveu um dos piores momentos no diálogo com Washington.

“Naquela época, chegamos a romper, unilateralmente, todos os acordos militares com os Estados Unidos”, lembra um diplomata que assessorou o chanceler de Geisel, embaixador Azeredo da Silveira.

“Fizemos isso para manifestar nosso desagrado com a atitude dos Estados Unidos, que estavam se imiscuindo em nossos assuntos internos, entre eles a política de direitos humanos e a política nuclear”.

Contrariado, o diplomata explica: “Embora assumamos, no Itamaraty, inteira responsabilidade por aquele e todos os nossos atos, é bom lembrar que estamos falando da segunda metade da década dos anos 70.

Naquele período a formulação diplomática continuava sendo (e desde 1964) fortemente influenciada pelo Palácio do Planalto e pelos ministérios militares”.

O presidente eleito volta à berlinda: “Fernando Henrique deveria ser mais justo e colocar as coisas no seu devido contexto. Talvez ele não saiba, mas era um documento indigno para o Brasil a primeira minuta do “memorando de entendimento” que o então chefe do Departamento de Estado, Henry Kissinger, apresentou ao nosso ministro Silveira”.

O diplomata explica: “Aquele memorando, para consultas regulares de alto nível, é uma prova clara de que o Itamaraty desejava, em nome do Brasil, manter uma rela-

ção altamente profissional com os Estados Unidos. Acabamos chegando a um texto digno e então o nosso chanceler assinou”.

Outra fonte recorda: “O presidente eleito nem está sendo original ao falar em “picuinhas”. Na época, as áreas mais conservadoras, que gostariam de um alinhamento automático com Washington, também usavam esse termo”.

O diplomata se revolta: “Continuamos achando, apesar das novas alianças, que o presidente eleito não chega a ser um conservador. Sempre defendemos uma posição de diálogo com os Estados Unidos, mas de respeito aos nossos interesses nacionais.

Jamais vamos concordar com o general Juracy Magalhães, para quem “o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil”.

Um terceiro diplomata lembra que a idéia de “conflitos modernos”, imaginada por FHC para o diálogo com Washington, também não é nova. Seu autor original é o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima, quando era Secretário-Geral do ministro Sodré, no governo Sarney. Ele falava em “agenda positiva” para as conversações com os Estados Unidos.

A crítica de Fernando Henrique Cardoso à diplomacia das “picuinhas” coincide com o inferno astral dos “barbudinhos”, o grupo de diplomatas brasileiros considerado terceiromundista e anti-norte-americano.

Fazem parte do grupo, entre outros, os embaixadores Ronaldo Sardenberg, Celso Amorim, Roberto Abdenur e Bernardo Pericás. O apelido foi dado pelo ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Motley.

Esquecidos nos últimos tempos, eles ganharam de novo notoriedade. Não só porque um dos seus mais competentes membros, o embaixador Ronaldo Sardenberg, terá sala no Palácio do Planalto. Como, negativamente, pela chegada da diplomacia neo-liberal de FHC.

Os “barbudinhos” rejeitam o rótulo de terceiromundistas. Um de seus representantes justifica: “Tínhamos também uma ação para o Terceiro Mundo, como tínhamos para os Estados Unidos e a Europa. Os tempos eram outros e a agenda diferente.

Nós estávamos pressionados por fatores externos, como o choque do petróleo. Assumimos posições coerentes com aquela conjuntura.”

Um dos discípulos diletos dos “barbudinhos” devolve a crítica: “Hoje há muita gente pensando que comemora nossa derrota diante do neo-liberalismo. É um equívoco. Primeiro que nós somos apenas agentes dos interesses do País.

Em segundo lugar, não dá para julgar uma situação histórica por padrões de duas décadas após. Além disso, nunca agimos em função de qualquer ideologia”.

Reuters



Fernando Henrique quer melhorar relacionamento com Washington

Isabela Kassow/AJB



Wanderley Pozzembom



Sardenberg e Amorim fazem parte do grupo considerado anti-EUA